

Sentir-se (des)pertencente: reflexos da Segunda Guerra em *Os Emigrantes*, de W. G. Sebald e *Morte no paraíso: A tragédia de Stefan Zweig*, de Alberto Dines

Carla Luciane Klos Schöninger¹

Titel: Fühlen von (Un)Zugehörigkeit: dem Zweiten Weltkrieg Reflexe in den *Os Emigrantes*, von W. G. Sebald und *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig* von Alberto Dines

Title: Feeling (un) belonging: reflections of the Second War in *Os Emigrantes*, by W.G. Sebald and *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, by Alberto Dines

Palavras-chave: (Des)pertencimento - *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig - Os Emigrantes*.

Schlüsselwörter: (Un)Zugehörigkeit- *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig - Os Emigrantes*.

Keywords: (Un)belonging- *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig. Os Emigrantes*.

Introdução

O estudo das obras: *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, de Alberto Dines e o capítulo Max Aurach- *Os Emigrantes*, de Sebald retomam memórias individuais da Segunda Guerra Mundial. O biógrafo Alberto Dines, descreve a trajetória do escritor Stefan Zweig e Winfried Georg Maximilian Sebald, em sua escrita, ouve sobreviventes do pós-guerra, e com isso, constrói sua narrativa na tentativa de encontrar a si mesmo, na voz do outro.

O livro de Dines traça todo o itinerário do escritor, predominando o caráter biográfico e ao mesmo tempo retratando situações sociais e morais da época, trechos de

¹ Doutoranda em Letras: Teoria, crítica e comparatismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora de Português, Literatura e Inglês no Instituto Federal Farroupilha, *Campus* Panambi; Email: carla.luciane@yahoo.com.br

cartas, depoimentos, fotos, artigos jornalísticos e alguns aspectos literários. Devido às incógnitas que assombraram o gesto trágico de Stefan Zweig, sua história teve grande repercussão mundial. Esta dupla tragédia, suicídio de Zweig e de sua esposa Lotte, despertou o interesse em produzir textos que abordassem o acontecimento na tentativa de compreender melhor esse desfecho. Sendo assim, no ano de 1981, Alberto Dines escreveu o livro: *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, desenvolvendo de maneira sublime o itinerário e a morte do austríaco judeu.

Sebald utiliza-se da apropriação e da rememoração para narrar os acontecimentos e experiências, retratando uma realidade que não vivera diretamente. O escritor nasceu no ano de 1944, em Bavária, um ano antes do término da Segunda Guerra Mundial. Vivenciou um pós-guerra de silêncios e lacunas. As atrocidades do período nazista não eram tratadas, o que deixou ao jovem, ecos abafados daquele tempo.

O sentimento de (des)pertencimento em *Morte no Paraíso* e “Max Aurach”

A delimitação temática para o presente texto se dá na evidência do sentimento de (des)pertencimento e nos reflexos da Segunda Guerra Mundial para Zweig e Sebald, bem como as atitudes desses e do personagem de Sebald: Aurach, em tentar superar a angústia e o vazio.

Para Zweig, as pressões do governo brasileiro, as decepções e a infelicidade lhe causaram depressão. Ao perder sua identidade nacional austríaca, a carência da nacionalidade era o que perseguia Zweig. A necessidade de vistos, autorizações, passaportes para viajar e seu sentimento de ser refugiado passaram a lhe afligir. Ele perdera a liberdade de movimentar-se, todos se sentiam como estrangeiros naquele tempo. O que mais o atingiu foi o fim da Áustria que o tornara um “internacionalista, um miserável apátrida, condenado a esperar em longas filas, junto com Lotte, na porta do Ministério do Interior Inglês para obter uma carteira de identidade e voltar a ser alguém” (DINES 1981:196).

Zweig tornou-se sedentário “num mundo tornado tão móvel e arisco, riscado por tantos êxodos e diásporas, os afortunados sobrevivente deveriam estar quietos, parados” (DINES 1981: 200). Estão vivos, mas são órfãos. Stefan aos 60 anos de idade se declara um errante sem pátria.

A construção das narrativas de Sebald se dá através da rememoração de outras vozes que vivenciaram a guerra. Para tal, há uma hibridização com personagens reais e fictícios. O livro *Os Emigrantes* está dividido em quatro narrativas intituladas com nomes dos personagens Dr. Henry Selwyn, Paul Bexter, Ambros Adelwarthe e Max Aurach. No quarto capítulo do livro: Max Aurach, há fotos e trechos de escrituras, bem como discurso intercalado entre o narrador e o protagonista Aurach.

Nesse, Sebald cria um narrador que aos 22 anos, no ano de 1966 decide mudar-se para a Inglaterra. No capítulo Max Aurach, há o relato de um indivíduo que não teria vivido diretamente nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, mas sofrera com a expatriação, tendo que viver em outros lugares. Ao viver exilado, não se sente pertencente ao lugar que escolhera para viver, sofrendo indiretamente os transtornos causados pela guerra. Muito se silenciou, rastros foram apagados, assim como arquivos e ausência de sepulturas, há muito que jamais se saberá.

O narrador do capítulo Max Aurach se desloca à Manchester, na Inglaterra, enquanto Stefan Zweig se desloca ao Rio de Janeiro, no Brasil, buscando pelo paraíso. Zweig acreditava que no Brasil não iria sofrer com o nazismo, no entanto, passou a viver sob a ditadura de Vargas. O Brasil não era tão livre e aberto como fizeram o escritor acreditar. Zweig logo respondeu que o Brasil o recebera bem, e aguarda o visto de permanência, assim como uma pátria de judeus em solo brasileiro. Stefan Zweig nutria a esperança de ser recompensado por Getúlio Vargas, o qual lhe devolveria uma pátria.

O personagem de Sebald, narrador não identificado, tem sua chegada em Manchester marcada por “quietude e vazio” (SEBALD 2002: 153). No hotel sentia “incompreensível sensação de isolamento” (SEBALD 2002: 154). Segundo o narrador do capítulo: Max Aurach, ao chegar em Manchester a primeira sensação era de frio e de confiança, mas declara logo perceber que era uma sensação falsa de confiança.

Homi Bhabha em seu livro: *O local da cultura* trata da dispersão dos povos, num contexto de margens culturais, em que exilados, emigrantes e refugiados passam a reunir-se nas fronteiras, convivendo com línguas estranhas e costumes diferentes. “Os fragmentos, retalhos e restos da vida cotidiana devem ser repetidamente transformados nos signos de uma cultura nacional coerente, enquanto o próprio ato da performance narrativa interpela um círculo crescente de sujeitos nacionais” (BHABHA 1998: 207). Ao estar no lugar estranho, como é o caso do personagem de *Os Emigrantes*: Max

Aurach e de Stefan Zweig, em sua biografia, uma imagem é criada sobre a ligação que existe com o seu lugar e, ao mesmo tempo, uma imagem do exterior.

Para Bhabha há então a temporalidade do entre-lugar, uma “fronteira que assinala a individualidade da nação interrompe o tempo autogerador da produção nacional e desestabiliza o significado do povo como homogêneo [...] Estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulado a heterogeneidade de sua população” (BHABHA 1998: 209-210). O que ocorre então é que o sujeito se divide entre o território que lhe era familiar e com um significante que “desaparece gradualmente” e o performativo, num efeito determinístico ou “estadista” (BHABHA, 1998:217).

Apesar de Stuart Hall tratar da situação pós-colonial nas ilhas caribenhas, em que fora delas, ou retornando anos após, ao lugar de origem há a sentimento de (des)pertencimento. Tal sensação é facilmente percebida nos depoimentos de Aurach, ao retratar a Alemanha sombria, bem como de Zweig, ao falar de uma Europa destruída e do Brasil como pátria escolhida por ele. No entanto, com as quais não mais se identificam.

Aurach diz que as imagens fragmentadas da Alemanha lhe parecem alucinações, vê a Alemanha como um país atrasado, destruído, cujas pessoas possuem rostos belíssimos e ao mesmo tempo terríveis (SEBALD 2002: 181). “Onde começam e onde terminam as fronteiras? quando regionalmente cada uma é cultural e historicamente tão próxima de seus vizinhos e tantos vivem a milhares de quilômetros de ‘casa’? Como imaginar sua relação com a terra de origem, a natureza de seu ‘pertencimento’?” (HALL, 2003:26).

Aurach viveu na Inglaterra boa parte da vida e a descreve que o frio do inverno e os nevoeiros remetiam às sombras que a guerra deixava. “E quando no inverno emergiam de repente do nevoeiro sem que se pressentisse sua aproximação, movendo-se silenciosos e logo desaparecendo no ar branco”, disse Aurach, e continua: “para mim era sempre um espetáculo incrível que por algum motivo me abalava profundamente” (SEBALD 2002: 166).

Zweig viveu entre o Brasil e a Áustria e considerava o primeiro como um paraíso no qual viveria o resto de sua vida e fora perseguido e lhe negada a nacionalidade. Dines aborda no início de cada capítulo de seu livro uma frase da declaração que Stefan deixara. Seguem-se alguns trechos: “[...] em parte alguma poderia eu reconstruir minha vida, agora que o mundo de minha língua está perdido e o meu lar

espiritual, a Europa autodestruido” (Zweig apud DINES 1981: 131). “[...] achei melhor concluir uma vida na qual o labor intelectual foi a mais pura alegria e a liberdade pessoal o mais precioso bem sobre a terra” (Zweig apud DINES, 1981:285). “[...] Que lhes seja dado ver a aurora desta longa noite. Eu, demasiadamente impaciente, vou-me antes” (Zweig apud DINES 1981: 393).

Tanto para o personagem de Sebald: Aurach, quanto para Zweig, não houve a possibilidade de voltar para casa, pois o lugar de antes, já não era mais o mesmo. Zweig sentira na pele a perseguição, o desprezo, o exílio, o (des)pertencimento.

Não podemos jamais voltar para casa, voltar à cena primária enquanto momentos esquecidos de nossos começos é “autenticidade, pois há sempre algo no meio [between]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa viagem” (CHAMBERS, Iain apud HALL 2003:27).

Reflexos da Segunda Guerra Mundial: a voz do outro

Os reflexos na Segunda Guerra Mundial tornaram-se visíveis no contexto mundial, mas ainda há memórias individuais a serem abordadas, resgatadas, ou, até mesmo, retomadas. Considera-se assim, pertinente ouvir a voz do outro, em *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*, a voz do biógrafo Alberto Dines e no livro *Os Emigrantes*, as vozes de pessoas comuns são expressas através de narradores ficcionais.

Dines o descreve como um homem “célebre, rico, amado, no auge da maturidade, protegido pelo carinho de uma pirâmide de amizades que ajudou a erigir, não obstante absurdamente corroído pela amargura e pressa” (DINES 1981: 20).

Zweig nasceu dia 28 de novembro de 1881, em Viena na Áustria e teria sido um eterno insatisfeito (DINES 1981: 139). Lotte e Zweig foram encontrados deitados em suas camas, o rosto de Stefan demonstrava tranquilidade, era como se estivesse em um sono profundo. A ideia da morte gerou nos dois um sentimento de vida: “Um homem agarra-se à ventura por mil razões, mesmo quando não há razão aparente. O espectro da morte gera tais espasmos de vitalidade” (DINES 1981: 57). Dines descreve a imagem dos corpos: “Lotte sobre ele, agarrada num último gesto de posse” (DINES 1981: 403).

A morte foi escolhida como paradeiro para a angústia:

Matou-se para serenar, fabricou um estrondo. Pretendia sossego, ganhou tormentos. Escreveu sensualmente, morreu seco. Descobriu um paraíso,

premiaram-no com o desdém. Sonhava com a segurança, viveu atocaiado. Almejava a renúncia mas não teve estofos para a marginalização integral (DINES 1981: 429).

A voz do outro permite um “preenchimento” do vazio que o narrador possui; o que é o caso do próprio Sebald, com a apropriação das memórias de outrem faz uma atribuição a si mesmo. Neste sentido, por muitas vezes, as pessoas que sofrem traumas, escondem-se no anonimato ou atrás das vozes dos outros. No caso de Sebald, os pais judeus foram deslocados ao gueto. Percebeu no pai George o quanto a guerra o havia atingido emocionalmente, pois não conseguia narrar fatos da guerra, nem ser pai presente, sendo o passado do pai uma incógnita. George fora prisioneiro em 1947, percebeu, na juventude a obscuridade e o mistério que configuravam o passado. Conheceu uma Alemanha sombria, foi estudar em Manchester, ouvindo as vozes de outras pessoas que vivenciaram esse fato histórico e com isso produziu escritos que constituíram narrativas capazes de romper o silêncio que o perturbava.

Sebald viveu nas sombras da Segunda Guerra uma época em que a Alemanha silenciara. Sai de seu país para preencher as lacunas e fazer descobertas. Ouve as vozes dos outros e o personagem Max, é uma das figuras que descreve. Sebald faz uso dessas memórias para configuração narrativa. Assim, “Essa palavra de outrem, depositada sobre uma vida inteira, ao preço das dificuldades e dos conflitos que se conhecem, confere um apoio de linguagem, um aspecto decididamente auto-referencial, a todas as operações de apropriação pessoal que gravitam em torno do núcleo mnemônico[...] (RICOEUR 2007: 139).

O narrador encontra o estúdio do pintor Aurach, que trabalhava dez horas por dia em suas pinturas. Aos 18 anos, em 1944, Aurach fora convocado ao exército, tendo que deixar seus estudos de Arte. Estava há 22 anos em Manchester e ainda sentia que tudo era estranho. Mesmo depois de 20 anos ainda tinha a mesma devoção ao trabalho.

Em suas pinturas, o pincel percorria várias vezes a tela de modo a encobrir o que pintara anteriormente e até a raspar a tela. Max Aurach representa em suas pinturas as vivências, sombras e angústias decorrentes da deportação e da morte dos pais nos campos de concentração.

(...) não apenas pintara por cima várias vezes, mas, quando a tela não aguentava mais de tanto raspar e recolocar tinta, ele destruíra e queimara o quadro diversas vezes. O desespero pela sua incapacidade, que o atormentava bastante durante o dia estendia-se cada vez mais pelas noites insones, de modo que, de tão esgotado, em breve só conseguia trabalhar aos prantos (SEBALD 2002: 174).

O pintor não recordava mais das últimas palavras que trocara com os pais, não se lembrava deles no Aeroporto de Frankfurt, depois só recordava-se das paisagens. Estudou e trocou correspondências com os pais, mas em novembro de 1941, a correspondência cessou e chega mais tarde a notícia da morte deles.

Fossem quais fossem as providências que consciente e inconscientemente tomei para me imunizar contra o sofrimento dos pais e o meu próprio, e por mais que eu conseguisse por algum tempo manter o equilíbrio emocional em meu isolamento, a infelicidade daquele meu noviciado juvenil se enraizara tão profundamente em mim que mais tarde voltou a desabrochar, dando flores perversas e recobrando-me com seu telhado de folhas venenosas que tanto sombreou e escureceu meus últimos anos (SEBALD 2002: 190).

O pintor deixou ao narrador, fotografias e páginas manuscritas com anotações que a mãe fizera entre 1939 e 1941 em Sterwarstrasse, mencionando principalmente de sua própria juventude. Junto dos escritos, fotos da família e de Luisa Lanzberg (mãe de Aurach) e do marido. O narrador viaja para Kissinger. Lá “A nova Sinagoga que substituía a antiga casa de oração, uma construção pesada, meio alemã, meio bizantina da virada do século, fora demolida na Noite dos Cristais e arrasada nas semanas seguintes” (SEBALD 2002: 218).

Nas últimas páginas do capítulo, o narrador revela o trabalho em reconstruir a história de Max Aurach.

Era um trabalho muito laborioso que muitas vezes empacava no mesmo ponto durante horas ou dias, e não raro voltando atrás, quando eu era constantemente atormentado por escrúpulos cada vez mais perceptíveis, que me paralisavam cada vez mais. Esses escrúpulos provavelmente tinham a ver com o objeto de minha narrativa, a que eu pensava não conseguir fazer justiça, e com a precariedade da profissão do escritor (SEBALD 2002: 228).

O narrador visita Aurach em uma enfermaria, mostrando o texto produzido a seu respeito. O narrador, após a conclusão do trabalho de reconstrução das memórias de Aurach, visita o amigo a fim de que aprove sua escrita. Ricoeur considera as pessoas que nos contam suas histórias como “os próximos”. A relação de distanciamento e aproximação para com eles varia, numa dinâmica que está em constante movimento, os próximos são “aqueles que me aprovam por existir e cuja experiência e partilha da afirmação [...] e que chamo de atestação em Si mesmo como um outro. O que espero dos meus próximos, é que aprove o que atesto: que posso falar, agir, narrar, imputar a mim mesmo a responsabilidade de minhas ações (RICOEUR 2007: 142).

Aurach o recebeu, mas ficou sentado junto do enfermo “cor de cinza cada vez mais exausto” e assim, o narrador saiu e andou pelas ruas.

Considerações finais

Stefan cansou-se das agitações de um mar tão turbulento, não mais suportava os enganos que a vida lhe proporcionara, nem a guerra que a tantos inocentes matara. Não tinha mais pulsão para dar continuidade a sua vida, pois com ela, continuaria seu sofrimento. Já Sebald, conseguiu aos poucos saber da verdade através de muitas pessoas “os próximos”. O narrador de Max Aurach e Sebald se misturam, não se sabe ao certo distinguir a quem pertence a voz em primeira pessoa. “Os próximos” lhe contaram suas histórias, preenchendo as lacunas que o silêncio do pós-guerra deixara. Os ecos que ressonaram do passado sombrio, através da partilha de outrem, imputaram a si a responsabilidade de narrar os gritos silenciosos. A experiência de escrever entre a realidade ficção contribuiu para a constituição dele mesmo.

A sensação de (des)pentencimento em Zweig e Aurach trouxe danos e tormentos que prevaleceram por suas vidas. Zweig não esquecia a ideia de que não pertencia à Áustria e não conseguia pertencer ao Brasil, como tanto sonhara. Assim como, Aurach não se sentia pertencente à Alemanha e nem à Inglaterra, tudo lhes parecia estranho. Os danos para Zweig foram irreparáveis na vida, encontrou solução na morte. Já Sebald, tentou reparar os danos através dos ecos de outrem, e no capítulo Max Aurach, o protagonista termina em um hospital, com o rosto cor de cinza.

Referências bibliográficas

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis. Glúcia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- DINES, Alberto. *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org Liv. Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende [Et al.] Belo Horizonte; Editora UFMG, 2003.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*- Trad. Alain François [Et al.] Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.
- SEBALD, W. G. *Os Emigrantes*. Rio de Janeiro: Record, 2002.